

A nova Escola Nacional de Agronomia

Mais uma notavel obra do Govêrno do Presidente Vargas

*Reportagem de ADALBERTO MÁRIO RIBEIRO
Do Serviço de Documentação do D.A.S.P.*

A altura do quilômetro 47, da Estrada Rio-São Paulo os automoveis pararam.

O Ministro da Agricultura voltava àquele local pela segunda vez, afim de resolver em definitivo sôbre a conveniência ou não de construir-se ali a nova sêde da Escola Nacional de Agronomia.

Quanto à natureza do terreno, como agrônomo que é, já havia S. Ex. decidido favoravelmente. Terras boas, topografia admiravel e área adequada a todas as construções previstas, não faltando ainda onde se estabelecessem campos de experimentação, reservas florestais e talvez, como complemento de tudo isso, um moderno aeródromo, nas imediações. E distante do conjunto das construções, lá para os lados do quilômetro 50, uma estação graciosa para trens elétricos, de um novo ramal que bem poderia ser riscado de Queimados até à Estrada Rio-São Paulo.

O Dr. Fernando Costa conversava com os Drs. Barros Barreto e Hildebrando de Góes, e os três voltavam-se ora para uma, ora para outra direção.

— Mas, Dr. Barros Barreto, com a instalação aqui de um posto de profilaxia rural, a Saude Pública num instante saneará toda esta zona.

O Dr. Fernando Costa, à frente dos dois técnicos, entra num "trilho" encaminhando-se para uma cêrca, a que se acham amarrados vários cavalos ensilhados.

— Assim, Dr. Barros Barreto, o senhor não consegue montar. E' do outro lado.

E riram-se, contentes, da atrapalhação momentânea do diretor da Saude Pública.

Agora, a exploração da região.

O Ministro, virando-se para um capataz, pergunta-lhe :

— Você não viu o Dr. Fernando Leite ?

— Vem ali a cavalo, *seu doutô*.

E, voltando-se para os companheiros da excursão, o Dr. Fernando Costa adianta-lhes :

— O Dr. Leite é o chefe da Secção de Terras do Ministério da Agricultura. Ele já fez todos os levantamentos topográficos desta baixada e conhece isto como as palmas de suas mãos.

Agora, já o Dr. Leite faz parte do grupo. Desbancou o Dr. Fernando Costa. E' um cicerone precioso, ouvido tambem com muito agrado pelos excursionistas. E começa :

— Indo por aqui podemos sair lá na sede da velha Fazenda do Retiro.

Sente-se a satisfação com que demonstra perfeito conhecimento da zona.

E com o chicote aponta :

— Na direção daquela carrapateira começa a Vala do Piloto, a que fazem referência as escrituras dos tempos dos jesuitas.

Daí em diante a conversa decorre em meio de referências às complicações das terras da Imperial Fazenda Nacional de Santa Cruz. Fala-se em sesmarias, terrenos foreiros, capitania de São Vicente, etc.

O Dr. Barros Barreto lembra-se de artigos de Vieira Fazenda e de Felisbello Freire sôbre as-

suntos semelhantes, quando escreviam na "A Notícia", do Rochinha, e na "A Tribuna", do Luiz Bartolomeu. Isso ha trinta anos atrás, quando, estudante, veio ao Rio afim de visitar a maravilhosa organização de Osvaldo Cruz : o Instituto de Manguinhos.

O Dr. Hildebrando de Góes, olhando para uns macissos de tabibuias e peri-peris, observa :

— Isto que se vê aí é a apresentação típica da Baixada Fluminense. Depois de esgotados os alagadiços, surgem os laranjais. E' o que vamos ver em Sepetiba. Entre Santa Cruz e Campo Grande não ha mais tabibuias às margens do Guandú-Mirim. E que belas roças estão plantando ao lado da Estrada dos Palmares, quando se vai para o Núcleo Colonial de Santa Cruz !

As terras como estas são boas e, ao lado dos laranjais, ha plantações de mandioca, mamão e cereais. A questão está em restabelecer os cursos dos rios, de forma que a água nunca mais fique parada. E aqui as minhas dragas podem perfeitamente funcionar. E talvez as terras fiquem tão enxutas que, depois, seja preciso irrigá-las. Mas olhe, Dr. Fernando Costa, isto já não será mais comigo...

(E o reporter que escreve estas linhas ainda se lembra da primeira reportagem que, em maio de 1938, escreveu para a "Revista do Serviço Público" sobre o "O Ressurgimento da Baixada Fluminense". A grande obra do Govêrno Getulio Vargas estava, pode dizer-se, apenas em início. E, hoje, que não terá feito Hildebrando de Góes ? Ésse mágico incomparavel não desbrava apenas, mas faz surgir da lama, do charco, da podridão, alegres sítios e chácaras risonhas, fazendas, que estavam abandonadas, cidades, que eram taperas, e transforma mulambos de gente em populações sadias !)

Interrompemos com êste parêntesis desgraçoso o que dizia o Diretor do Departamento de Obras de Saneamento.

— Agora, Sr. Ministro, esgotadas que sejam as terras da Fazenda do Retiro, os campos experimentais, em tapetes magníficos, vão recompor de outra forma a apresentação dêstes sítios.

O Dr. Barros Barreto, tocado pelo mesmo otimismo, também fala, por sua vez, da assistência que seu Departamento pode dar à população atual e às que se estabelecerem mais tarde na imensa baixada.

Decorridas umas três horas de excursão, voltam todos ao ponto de partida, a Estrada Rio-S.

Paulo, onde os automoveis enfileirados brilham ao sol da manhã luminosa.

Agora, Fernando Costa estende a vista em derredor e sente-se outro homem. Domina-o uma satisfação íntima.

Como foi bom conversar sobre o plano que estabelecera, vinha diariamente alimentando e ia executar custasse o que custasse ! E pensa então na Escola Superior da Agricultura "Luiz de Queiroz", de Piracicaba. Vêm-lhe à lembrança as aulas, os ensaios de laboratório, as demonstrações práticas nos campos experimentais. Embora olhando com imensa simpatia para os Drs. Barros Barreto e Hildebrando de Góes, ao seu lado, lamenta não estar presente ali o velho companheiro dos bons tempos, o Melo Moraes, hoje professor em São Paulo e que ainda tornaria de certo aquela excursão mais encantadora.

Mas nem se lembra dos automoveis e do regresso à cidade. E começa a fazer projetos :

— "Ali pode ficar o Edifício Central, com larga entrada ajardinada. Naquela elevação, o Aprendizado Agrícola. Na baixada, imensa horta. Alêas sombrias e em espiral, a galgar suavemente a encosta da colina à esquerda. Não ; a subida não ficará muito cansativa, não. Mando desbastar-lhe o tôpo e, com a terra, consigo o aproveitamento da baixada. Ah ! é verdade, pode-se fazer ali um lago regular, e também outro maior que espelhe as construções em tórno... e nele uns cisnes a deslizar suavemente ; e pérgolas floridas de bougainvilles ; e tufos de palmeirinhas graciosas, e também ipês, e angelins sombrios... e...

— Desculpe, Sr. Ministro, mas já está ficando tarde.

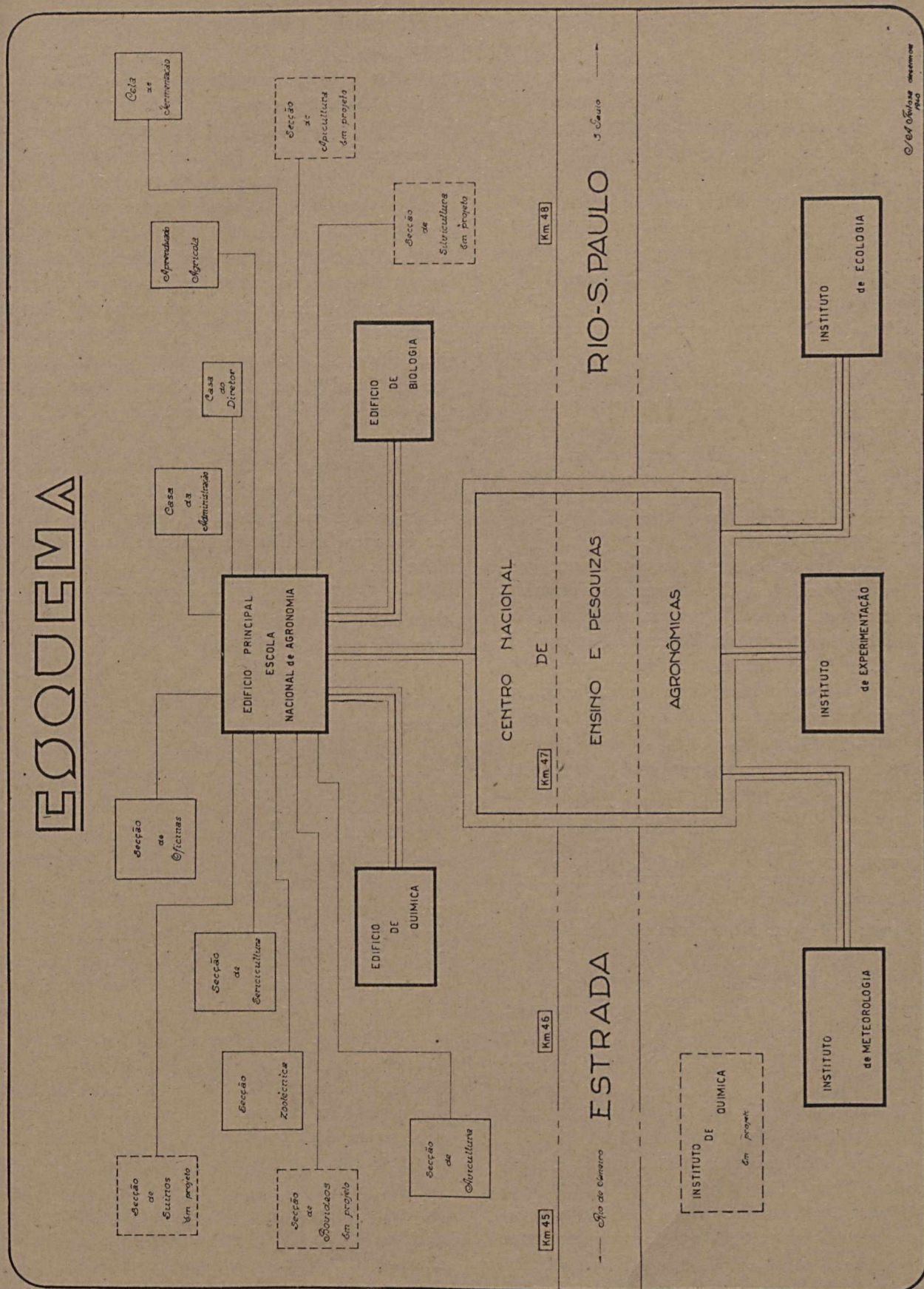
O Dr. Fernandes Leite tirou S. Excia. do sonho em que estava deliciosamente mergulhado.

Ao entrar no automovel, o Dr. Fernando Costa pensava *tão alto*, que quasi chegou a dizer :

— Vocês hão de ver a minha escola...

Ao reporter não custa fixar cenas como as descritas acima. Basta-lhe coletar algumas informações e, depois, valer-se dos ensinamentos do mestre Lytton Strachey...

Decorridos cêrca de dois anos, começamos a ler nos jornais notícias assim : "Acompanhado dos Drs. J. M. Maciel, Itagyba Barçante e de outros diretores de serviços do Ministério da Agricultura, o Dr. Fernando Costa visitou ontem, mais uma vez, as obras de construção da futura séde



da Escola Nacional de Agronomia, no quilômetro 47 da Estrada Rio-São Paulo".

Além de notícias da imprensa, vimos um dia no cinema um filme das construções do quilômetro 47. Era uma espécie de nebulosa cinematográfica. Dir-se-ia que a tela estava precedida de ligeira neblina.

Isso, entretanto, mais aguçou o nosso desejo de conhecer de perto a grande obra. E esse nosso desejo foi levado ao conhecimento do Dr. Mário Vilhena, secretário do diretor do Serviço de Informação Agrícola.

Dias depois, fomos surpreendidos com este telefonema:

— Aqui fala o Mário Vilhena. O diretor Itagyba Barçante vai amanhã às obras da Escola de Agronomia e pode apanhar o senhor em sua casa e levá-lo até lá. O Ministro também vai.

Ficamos satisfeitiísimos.

E no dia seguinte, 7 de agosto, estávamos a caminho da Escola.

O Dr. Itagyba Barçante foi duplamente gentil: levava também o Dr. Francisco Fernandes Leite, um homem terrível que tem coragem de ler o "Tombo das terras da Fazenda Nacional de Santa Cruz". E faz mais: marca ali, anota acolá; e ainda troca por miudo trechos e trechos de língua arcaica, que só seriam de muito agrado para um Capistrano de Abreu...

O Dr. Itagyba sabia que esse companheiro de excursão só nos poderia ser útil.

E foi.

Informaram-nos então que o Ministro, antes de cogitar das terras da Fazenda do Retiro, visitara as Fazendas de São Bento e de Conceição das Dores, situadas à margem da Estrada Rio-Petrópolis.

Na Fazenda de São Bento existe um núcleo subordinado à Divisão de Terras e Colonização, do Ministério, que mantém ainda organizações semelhantes no Paraná, Santa Catarina, Espírito Santo e Pará.

Quanto à Fazenda das Dores, está sendo ela estudada para fins de colonização.

O Dr. Fernando Costa esteve ainda em Petrópolis e Terezópolis, afim de escolher local adequado não só para a Escola Nacional de Agronomia, como também para outros serviços do Centro Nacional de Ensino e Pesquisas Agrônomicas, creado pelo decreto n.º 982, de 23 de dezembro de 1938.

Nenhum desses lugares se prestava ao fim almejado.

Por sugestão da Divisão de Terras, voltou então o Ministro a cogitar de um recanto da Fazenda Nacional de Santa Cruz, região imensa que se estende por uma área de 36 quilômetros de fundo e 12 de largura. Inicia-se na Baía de Sepetiba, a partir da ilha de Guaraqueçaba, por uma reta que vai ter ao município de Vassouras, de um lado. Daí, outra reta, perpendicular à anterior, alcança Amparo, no ramal de São Paulo, de onde desce outra linha à Baía de Sepetiba, na ilha de Itinguassú, formando assim, mais ou menos, um paralelogramo, em que se acham situadas as seguintes localidades: Santa Cruz, Itaguaí, Passa Três, Pirai, Belém, Paracambi, Mendes e Barra do Pirai.

A Fazenda do Retiro está encravada nesse paralelogramo, cá em baixo, na baixada, bem distante da zona montanhosa, e é cortada pela estrada de rodagem Rio-São Paulo, entre os quilômetros 45 e 50.

O Sr. Fernando Costa visitou-a então, observando-lhe de perto as condições topográficas e características de fertilidade.

Depois dessa visita, iniciou-se a fase bem trabalhosa da regularização daquelas terras e sua incorporação ao Patrimônio Nacional.

A Justiça Federal, pronunciando-se a respeito, deu ganho de causa à União.

Em 19 de novembro de 1938, começaram os trabalhos do levantamento topográfico da Fazenda do Retiro, afim de organizar-se o projeto de construção dos vários edifícios da Escola, serviços complementares de drenagem, estradas, parques, ajardinamento, instalação de água, luz e força, e sua distribuição pelos diferentes sectores do Centro Nacional de Ensino e Pesquisas Agrônomicas.

Tudo isso, é claro, só se faria com o pronunciamento dos diretores de Saúde Pública e de Obras de Saneamento. Daí, pois, terem sido levados a visitar a Fazenda do Retiro, dando, afinal, por escrito, seus pareceres sobre a localização ali das referidas construções.

No automovel, quando corriamos para o quilômetro 47, deu-nos o Dr. Fernandes Leite essas ligeiras informações, prometendo-nos, entretanto, outros esclarecimentos em sua repartição, instalada no oitavo andar do Edifício Pedro II, na Esplanada do Castelo.

Guardámos, por inutil, o lapis, preferindo apenas ver as coisas e conversar, como si não fôssemos reporter.

SECÇÃO EXPERIMENTAL DE AVICULTURA

E' a primeira construção que se encontra em caminho, partindo-se da cidade. Destaca-se numa pequena elevação, à esquerda da estrada.

O Pavilhão Central, amplo e vistoso edificio, é precedido de uma linha graciosa de casinholas,

to êle como o Dr. Fernandes Leite, não quizeram descrever, afim de não nos antecipar qualquer impressão.

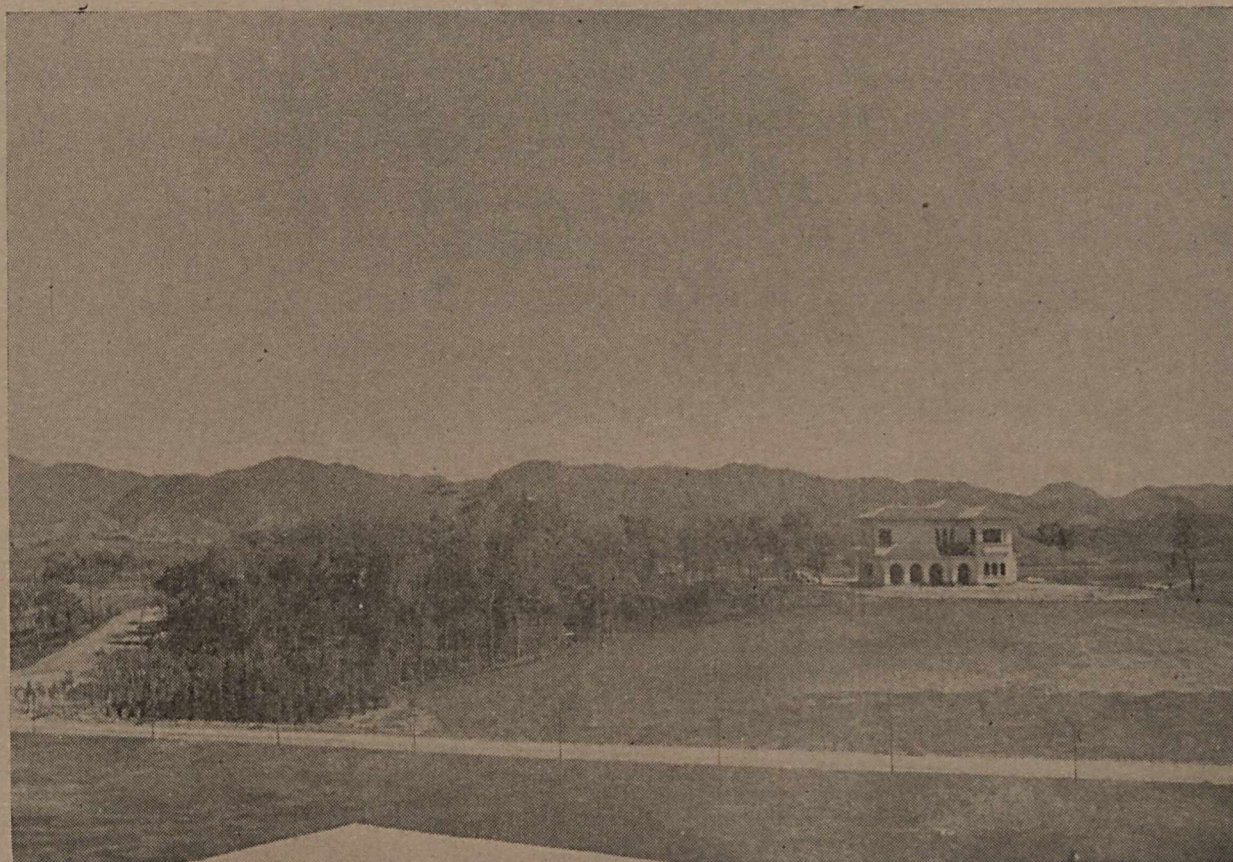
Foi por isso que só nos falaram nas complicações da Fazenda Nacional de Santa Cruz.

Mas a neblina estava teimosa.

O filme-nebulosa, fôra, naturalmente, tirado num dia assim...

O automovel rodava pela estrada, permitindo-nos pequeno raio de visibilidade.

Mas o sol estouvado surgiu, quasi que de repente, a esgarçar a neblina. A baixada, ligeira-



Casa da Administração

em meio de largo terreiro em que se vêm divisões de telas de arame.

A fotografia supre qualquer descrição.

Assim está organizada a Secção Experimental de Avicultura: Pavilhão Central — Residência — Depósito — Reprodução — Baterias — Pinteiros — Abrigos de galos — Poedeiras.

Quando deixámos a Secção de Avicultura, ainda a neblina da manhã impedia-nos de divisar à distância as demais construções a que o Dr. Itagyba Barçante aludira em caminho e que, tan-

mente ondulada, revela-se afinal limpa e clara. À distância, afloram da terra blocos vistosos de construções esparsas. E mais perto, outras edificações, cercadas ainda de andaimes, se erguem também, quasi concluidas.

Aquilo não era uma escola. Mas, sim, perfeita e moderna cidade universitária!

Obra tão grandiosa só pode existir nos Estados Unidos.

Saltámos.

Centenas de operários trabalham em terraplenagem. Um trator, com possante lâmina à frente, desbasta o terreno. Carroças em todas as direções levam terra à distância, com um formigar de operários em torno. Tudo ali é vida, é movimento.

Largo trecho de terreno já se acha gramado, e um jardim tropical, com elegantes palmeirinhas e imensos cactus, revela-nos o efeito da moderna arquitetura paisagística. Um lago imenso, de curvas macias, acalma-nos a vista, com suas águas

nheiros da fiscalização das obras por parte do Ministério da Agricultura.

Todos aguardam a chegada do Ministro.

Lá em baixo, um automovel risca a estrada, levantando poeira. E' o do Sr. Fernando Costa. Um minuto depois, salta S. Excia. do carro e, muito jovial, recebe cumprimentos.

Vai ver o Edifício Central. Ao seu lado, o Dr. Paulo de Lima Corrêa, superintendente da Diretoria da Indústria Animal, da Secretaria de Agricultura de São Paulo, de vez em quando é



Pavilhão Principal

ligeiramente crispadas. Cisnes de nobre porte e movimentos graciosos deslizam em grupo, em largos volteios, na amplitão das águas...

À porta do grande Edifício Central, fomos apresentados ao professor Melo Moraes, diretor geral do Centro Nacional de Ensino e Pesquisas Agrônomicas.

Achavam-se presentes ainda os Drs. Eudoro Prado Lopes e Washington Pereira, presidente da Companhia Brasileira de Construções, que está executando grande parte daquelas edificações, o arquiteto paisagista Reynaldo Dierberger e enge-

apresentado pelo Ministro aos chefes de serviço presentes.

E' a visita do dia.

O Ministro é de casa. Todas as quartas-feiras passa o dia entre construtores e operários, perguntando e examinando tudo. Conhece as obras nos seus mínimos detalhes.

Não é propósito nosso descrever o andamento da construção de todos os edifícios. Seria tarefa exaustiva, que exigiria tempo e... espaço na "Revista do Serviço Público", onde também não podemos abusar da gentileza de seu diretor, que

vem dando acolhida à nossas modestas reportagens com incrível tolerância.

A Escola de Agronomia tem o seguinte :

Conjunto Central	Edifício Principal
	Edifício de Química
	Edifício de Biologia
	Edifício de Administração

VISITA AO EDIFÍCIO PRINCIPAL

Transposto o "hall", amplo e acolhedor, todos se dirigem ao pátio central.

Que beleza !

Com suas arcadas, de curvas graciosas, estensas varandas cercam imenso pátio de 160 metros de comprimento por 160 de largura.

O Dr. Fernando Costa detém-se um pouco e, voltando-se aos que o acompanham, diz satisfeito :

— É preciso que o estudante se sinta orgulhoso de sua escola. Que a integre e complete, na formação de um ambiente de doçura e quietação. E como num claustro, onde tudo se casa bem e o espírito se eleva espontaneamente, aqui também se pode formar, com a cooperação de todos, adequado recinto a outra ordem de meditações e estudos, às pacientes pesquisas de laboratório. Aliás, só com semelhante conforto se conseguirá bom aproveitamento. Agora, tenham paciência : quem não estudar aqui é porque é mesmo preguiçoso e deve procurar outra vida.

Realmente, assim todos pensavam.

— Olhe, Dr. Lima Corrêa, no centro desse pátio o Dierberger vai construir lindo jardim, tendo ao centro uma fonte luminosa.

Foram visitadas a seguir as salas destinadas à biblioteca, a conferências, ao cinema educativo, etc.

Por uma escada ligeira, dessas que os operários usam na pintura de casas, o ministro sobe ao topo do edifício. E toda aquela gente o segue. Quanto a nós, si não fôsse o amparo do Dr. Fernandes Leite, não teríamos coragem de acompanhar a turma...

Pela cobertura do prédio, pronta para receber o telhado, percebe-se o seu tamanho. O Dr. Eudoro Prado Lopes adianta-nos que o telhado terá 12 mil metros quadrados, nas quatro alas.

E lá de cima é que se pode mesmo antever o que será aquela universidade, a que chamam modestamente de escola, talvez para que haja fiel correspondência ao texto do decreto que criou o

Centro Nacional de Ensino e Pesquisas Agrônomicas.

À distância, um lindo bosque ; nos fundos a residência do administrador ; e, logo em seguida, o Aprendizado Agrícola, que se destina não só a adestrar no amanho da terra os filhos dos pequenos lavradores da Baixada Fluminense e seus arredores, como a assegurar uma certa regularidade no desenvolvimento dos trabalhos práticos nos campos de cultura da Escola Nacional de Agronomia.

A parte prática de todas as cadeiras da Escola é ministrada em seções de experimentação, tais como : Agricultura, Zootécnica, Sericicultura, Apicultura e Horticultura.

Só a Seção de Sericicultura ocupará vários edifícios. É esta sua organização :

Seção Experimental de Sericicultura	Pavilhão Central
	Pavilhão de Indústria
	Pavilhão de Seleção
	Pavilhão de Criação
	Pavilhão de Amoreira

O Dr. Paulo de Lima Corrêa, conversando com o Dr. Fernando Costa, teve ensejo de ressaltar a importância da agrostologia e da bromatologia, cujos estudos estão sendo preconizados no país há mais de trinta anos. E referiu-se, de forma muito lisongeira, ao Dr. Einer Koc, jovem de apenas 22 anos e que acaba de seguir para os Estados Unidos, onde vai aperfeiçoar seus estudos de bromatologia.

Deixando o alto do Edifício Central, os visitantes se dirigem a outras futuras seções da Escola, que contará com as seguintes :

Oficinas	Mecânica
	Fundição
	Serraria
	Ferraria
	Selaria
	Latoaria
	Administração e Residência

Não podemos descrevê-las todas, pois cada uma delas daria de certo para uma reportagem inteira.

CENTRO NACIONAL DE ENSINO E PESQUISAS AGRÔNOMICAS

Por outro lado, queríamos saber a finalidade exata do Centro Nacional de Ensino e Pesquisas

Agrônomicas. Falámos ao seu diretor, professor José de Melo Moraes, que nos disse, logo de entrada :

— E' bom tomar nota, sinão o senhor não poderá reter na memória tudo quanto lhe vou dizer..

E começou :

— O Centro Nacional de Ensino e Pesquisas Agrônomicas, creado na última reforma do Ministério da Agricultura, enfeixa como componentes a Escola Nacional de Agronomia, os Institutos de Química, Ecologia e Experimentação

rimental, relativa a todas as questões agrícolas, que demandem pesquisas, está confiada ao Instituto de Experimentação do C. N. E. P. A. E' este instituto que ficará encarregado de efetuar experiências em todo o Brasil e que dizem respeito ao cafeeiro, à seringueira, ao algodoeiro, à cana de açúcar e a tudo mais. Para isso, ele contará com uma rede de estações experimentais e com cinco institutos agrônomicos distribuídos regionalmente pelo território do Brasil. O primeiro desses institutos é o denominado Instituto Agrônomico do Norte e foi localizado em Belém, onde as



Pavilhão de Seleção — Secção de Sericicultura.

Agrícolas, bem como o Laboratório Central de Enologia e o Instituto Nacional de Óleos. Antes da criação do C. N. E. P. A. o Ministério da Agricultura era organizado por *produtos*, de sorte que havia uma Diretoria de Café, outra de Plantas Texteis, outra de Fruticultura e assim sucessivamente.

INSTITUTO DE EXPERIMENTAÇÃO AGRÍCOLA

Agora, porém, o Ministério passou a ser organizado por *funções*, de modo que a parte expe-

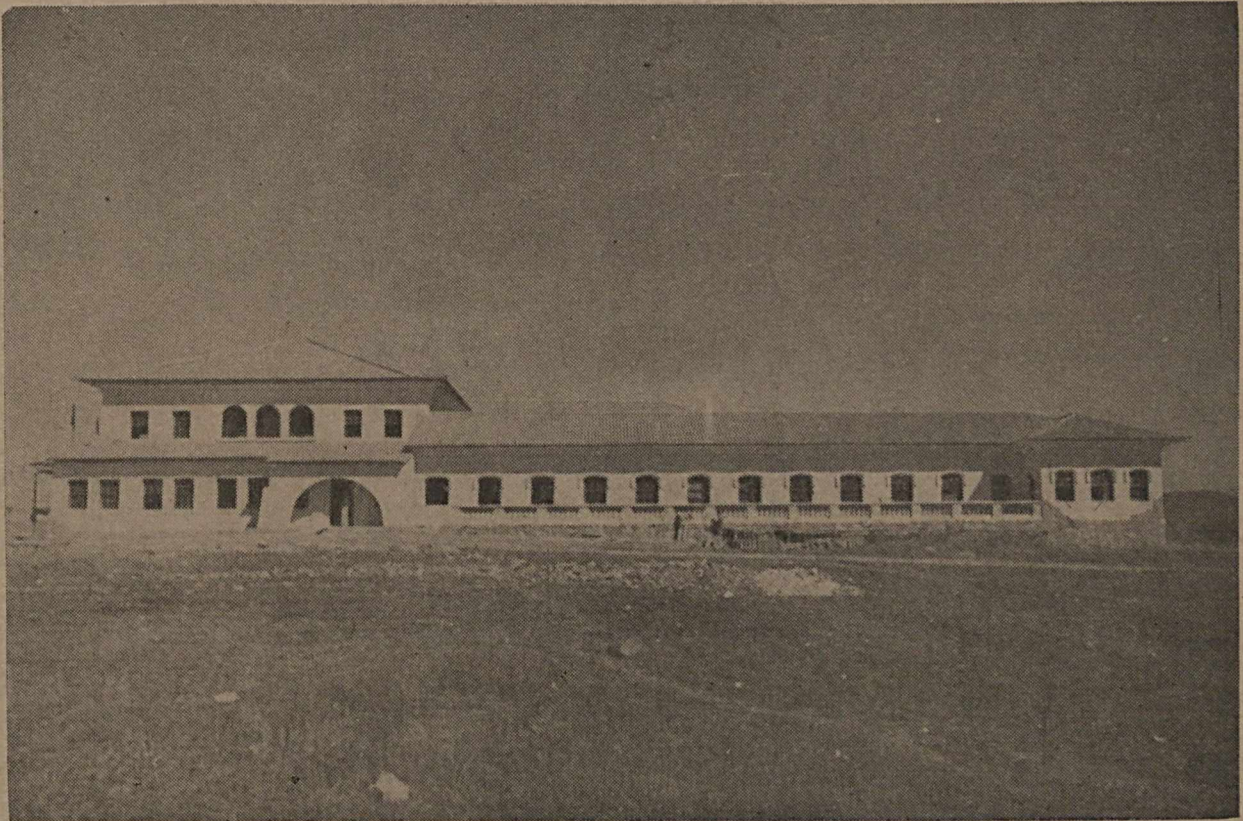
construções dos edificios em que funcionará estão quasi terminadas. Esse Instituto, que entrará em funcionamento regular em 1941, cuidará principalmente da seringueira e do latex por ela produzido. Estudará, portanto, desde o plantio da *hevea* e enxertia da mesma, até à obtenção da borracha e fenômenos pertinentes à sua industrialização. Além disso, o Instituto do Norte tratará do estudo aprofundado das fibras vegetais e das plantas oleaginosas que existem na Amazônia e que podem, si exploradas convenientemente, constituir novas riquezas para o país.

Com as estações experimentais já existentes e as que estão sendo postas em funcionamento em Patos (Minas), Ipanema (S. Paulo), Passo Fundo (Rio Grande do Sul), Rio Caçador (Santa Catarina) e Curitiba (Paraná), o Instituto de Experimentação está trabalhando em trigo com ótimos resultados e não é demais afirmar que, dentro de pouco tempo, se saberá ao certo qual a variedade que deve ser cultivada no Paraná e a que não deve ser cultivada no Rio Grande do Sul ou em S. Paulo. Estabelecidas as variedades cujo cultivo

assentado que as sementes ali produzidas serão fornecidas aos agricultores que residem nas vizinhanças dessa estação experimental, para que eles as plantem sob as vistas de seus técnicos.

Posteriormente, em irradiação, as sementes serão distribuídas pelas zonas do Estado de Minas nas quais o algodoeiro "Weber" se comporte tão bem como em Sete Lagoas.

A parte experimental relativa à cultura do arroz, realizada pelo Instituto Experimental em Minas, já veio revelar que é em Coronel Pache-



Aprendizado Agrícola

deva ser praticado regionalmente com sucesso, estará resolvido implicitamente o problema do trigo no Brasil, pois a cultura desse cereal ficará, sem dúvida, em condições de proporcionar largos lucros pecuniários aos que a ela se dedicarem.

Por outro lado, nessas estações experimentais vem sendo estudado o sombreamento dos cafeais, plantas oleaginosas, bem como o algodão.

Agora mesmo, em Sete Lagoas, em Minas, conseguimos esplêndidos resultados com o cultivo do algodoeiro "Weber" e outros, ficando já

co que se obtém a maior produção, por unidade de superfície, com determinadas variedades desse cereal, quando anteriormente se acreditava que elas eram ótimas apenas para os terrenos fortemente calcáreos das zonas circunjacentes a Sete Lagoas.

Com o milho também se executam pesquisas, principalmente com o chamado "milho doce".

E é bom frisar que o Instituto de Experimentação não se descuidou da parte experimental concernente ao combate à erosão, manutenção da fertilidade do solo e rotação de culturas.

INSTITUTO DE ECOLOGIA AGRÍCOLA

O Instituto de Ecologia Agrícola cuidará da importação de plantas exóticas que se prestem a ser exploradas, economicamente, no país.

Não se deve esquecer que o café, por exemplo, não é brasileiro e fez a riqueza de S. Paulo e do Brasil.

A laranja baiana, transplantada para a Califórnia, fez com que aquela região americana se convertesse em produtora por excelência dos frutos cítricos.

INSTITUTO DE QUÍMICA

O Instituto de Química ocupar-se-á do estudo sistemático dos solos brasileiros sob o ponto de vista pedológico, isto é, verificará a maneira pela qual os terrenos adquirem características típicas sob a ação do clima.

E' sabido hoje em dia que a rocha, em se decompondo, não é o que imprime qualidades peculiares aos solos a que ela deu origem. A mesma rocha, em se transformando em climas áridos, dá terrenos completamente diferentes dos que dela



Instituto de Ecologia.

Contará o Instituto, para a referida tarefa, com campos não só no Rio de Janeiro, como em outras zonas de climas típicos no Brasil.

O Instituto de Ecologia ocupar-se-á também de assuntos como a ivorização e outras questões complexas como essa. Estudará também os climas típicos do Brasil e seus micro-climas, examinando, não só sua flora natural, como o comportamento das plantas que aí possam ser cultivadas com êxito.

se originam em regiões de clima úmido.

O conhecimento da gênese desses solos tem interesse altamente científico e prático.

Si um técnico conhecer que um solo é podisólico, fica em condições de saber de antemão que ele necessita de adubações, pois possui suas camadas superficiais desfalcadas de elementos minerais que servem de alimento às plantas.

O Instituto de Química Agrícola já possui grande cópia de análises de perfis dos solos bra-

sileiros e, com o decorrer do tempo, conseguirá executar o mapa pedológico do país, em moldes semelhantes aos que existem representando os solos europeus, americanos e japoneses.

O Instituto também já presta assistência técnica aos lavradores do Brasil.

Ainda recentemente, tratou das terras da Baixada Fluminense que estão sendo colonizadas pelo Ministério da Agricultura, preconizando o emprêgo racional da calagem com o fim de atenuar os efeitos nocivos da acidez que ali existe acentuadamente e que é prejudicial ao cultivo da maioria das plantas exploradas pelos agricultores.

O Instituto também estuda as plantas tóxicas, dando indicações de seus empregos, principalmente quando elas se prestam para insecticidas.

Tem êle executado, ultimamente, todas as análises necessárias ao contrôle das misturas das farinhas utilizadas no fabrico do pão mixto. Para isso, elaborou um método muito interessante para determinação das porcentagens das diferentes farinhas que entram nessas misturas e êsse método tem dado ótimos resultados práticos, muito recomendando os técnicos do próprio Instituto e do Ministério da Agricultura.

Iríamos longe si fôssemos detalhar as múltiplas atividades do Instituto de Química Agrícola

LABORATÓRIO CENTRAL DE ENOLOGIA

O Laboratório Central de Enologia ficou encarregado do contrôle, no país, de tudo quanto se refira à enologia e à viticultura.

Com criterioso emprêgo de métodos modernos de análise, vem o Laboratório verificando quais os vinhos que são fraudados, com prejuizos da saúde pública.

Opera-se êsse contrôle em colaboração com as autoridades alfandegárias e sanitárias. Com isso, o Laboratório Central de Enologia fica conhecendo os vinhos estrangeiros que aqui chegam em condições impróprias ao consumo, bem como outras bebidas.

Quanto aos vinhos nacionais, habilita-se a constatar defeitos que porventura haja nos mesmos. Si forem provenientes êsses defeitos de falha técnica na elaboração dos vinhos, o Laboratório permitirá aos fabricantes corrigi-los por meio de instruções adequadas para melhorar o produto, concorrendo assim para que a indústria do vinho no Brasil se aperfeiçoe e venha a constituir, dentro de algum tempo, uma das mais prósperas do país. Com

êsse objetivo, o Laboratório Central de Enologia já vem preconizando o cultivo de castas especiais de uvas, adequadas ao nosso clima e que se prestam à elaboração de ótimos vinhos. Essas castas, devidamente enxertadas, têm sido distribuídas em larga escala aos viticultores, principalmente no Estado do Rio (regiões montanhosas) e no sul de Minas.

Ainda agora, o Laboratório Central de Enologia iniciou a instalação de suas dependências em alguns Estados do Brasil, inclusive em São Paulo, para onde destacou um de seus técnicos, que permanecerá em Jundiaí, centro viticultor paulista muito adiantado.

INSTITUTO NACIONAL DE ÓLEOS

O Instituto Nacional de Óleos foi recentemente restabelecido no Ministério da Agricultura, com subordinação ao Centro Nacional de Ensino e Pesquisas Agronômicas.

Caber-lhe-á o estudo detalhado de todas as plantas oleaginosas do Brasil e ha de prestar, sem dúvida, relevantes serviços ao país.

Tratará também das análises de óleos, cêras, etc., isto é, de produtos que são largamente consumidos pelas indústrias.

Sobre êsse Instituto, que reputo de grande utilidade no Brasil, convem que se espere um pouco até que êle seja montado devidamente.

E' de poucos dias a sua reinstalação e deverá funcionar também no quilômetro 47 da Estrada Rio-São Paulo, ao lado de outros serviços do C. N. E. P. A.

Eis aí o que se nos oferece dizer à "Revista do Serviço Público".

CONTRIBUIÇÃO VALIOSA

Bem sentíamos, antes de ouvir o professor Melo Moraes, as deficiências de nossa modesta contribuição a esta Revista, através de uma reportagem que, por sua natureza, não poderia de certo limitar-se a ligeira excursão e a notas apressadas.

Tivemos ainda de ouvir o Sr. Reynaldo Dierberger, arquiteto paisagista, e o Dr. Francisco Fernandes Leite, chefe da Secção de Terras do Ministério da Agricultura.

A COMPOSIÇÃO PAISAGÍSTICA DA ESCOLA NACIONAL DE AGRONOMIA

O Dr. Itagyba Barçante, quando nos achávamos no quilômetro 47, nos apresentou ao Sr.

Reynaldo Dierberger, que está fazendo a composição paisagística da Escola.

Si ha assunto que não se presta muito a ser focalizado através de simples conversa é, de certo, êsse de arquitetura paisagística. E si o informante, o técnico, é de feitio pessoal pouco expansivo, a dificuldade é bem maior.

Gostaríamos de trocar os papéis: transformar, por exemplo, o Dr. Fernandes Leite em arquiteto paisagista, e o Sr. Dierberger em amante do "Tombo da Imperial Fazenda Nacional de Santa Cruz"...

com seus amigos Martim Afonso de Sousa, Cristovão Monteiro e outros barbaças das priscas éras das capitanias e seus donatários.

Agora, vamos conversar um pouco com o paisagista Dierberger. Vamos arrancar-lhe algumas informações.

— Estamos encantados com os trabalhos que o senhor está realizando na Escola de Agronomia. Tarefa magnífica, só com sua execução aquele recanto se tornará ponto natural de afluência de turistas!

— Pode ser.



Vista do lago. Ao fundo, o Pavilhão Principal e o de Biologia.

E então o leitor veria como aquí nos esparriarmos sobre arquitetura paisagística. O Dr. Fernandes Leite iria longe, começando pelos jardins suspensos da Babilônia, si não se reportasse a épocas anteriores...

Realmente, o manuseio constante de alfarrábios e outras velharias bolorentas, que exige, como se sabe, paciência de um beneditino, torna o homem amante das "buscas" e das coisas prehistóricas. E o Dr. Fernandes Leite, conversando conosco, pensa que nós outros convivemos também

Imaginamos outras coisas bonitas para dizer ao Sr. Dierberger. E dissemos.

— Muito obrigado.

Mas com geitinho, começamos a discorrer sobre jardinagem, hesitantes e com receio natural de errar em nossas considerações.

E o Sr. Dierberger animou-se então a afirmar que os trabalhos que vem realizando no Quilômetro 47 obedecem a um plano geral de construções, distribuídas de forma harmoniosa, ajustando-se à topografia local.

— Muito bem.

Éramos todo ouvido. Impunha-se mesmo muita atenção, pois embora se tratasse de coisas verdejantes, viçosas e floridas, nossa imaginação vagueava em imenso deserto, sem a mínima perspectiva de ligeira miragem de idéias... Um vazio completo. Mas o lapis esteve assentado a esperar ansioso por outra arrancada heróica do Sr. Dierberger.

(Talvez o conhecido técnico nunca tivesse estado tão assediado pelo reporter).

— Exigia-se uma composição paisagística aproveitando-se os elementos naturais tanto quanto possível, afim de estabelecer-se perfeita harmonia com o conjunto geral das instalações previstas, tanto do lado esquerdo, onde se acham localizadas a Escola e suas secções, como do lado fronteiro, no qual também estão sendo feitas várias construções pertencentes ao Centro Nacional de Ensino e Pesquisas Agronômicas.

E o Sr. Dierberger fez uma pausa.

Não sabíamos si desejava continuar.

E foi com satisfação que o vimos prosseguir :

— A formação do terreno previsto para o parque propriamente dito está se processando, tendo já ficado reservada uma área que se pode calcular em 300 mil metros quadrados. Para isso, foi organizado um cuidadoso projeto, que compreende bosques, aléas, vários agrupamentos de palmeiras e macissos de arbustos florísticos, em que figurem trepadeiras e árvores de grande efeito ornamental. Como sabe, temos numerosas árvores de floração. Cuidar-se-á, é claro, das variedades diferentes e ter-se-á ainda em conta as épocas de sua floração. O porte dessas árvores será também objeto de atenções especiais, afim de estabelecer-se perfeito equilibrio na sua distribuição.

Si o Sr. Dierberger não dissesse mais nada, não teríamos de que nos queixar. Êsses detalhes são realmente interessantes e seu esforço e sua gentileza estavam por nós sendo devidamente apreciados.

E prosseguindo :

— Um grande lago já foi aberto, mas outro maior está sendo construído, que darão, sem dúvida, muita vida ao parque, tornando-o assim ainda mais gracioso. A sua localização é tal que permitirá que suas águas reflitam algumas construções próximas e macissos de plantas ornamen-

tais de floração. A distribuição das aléas não foi arbitrária. Ao contrário, exigiu acurado estudo, de forma a realçarem certas vistas, não só das proximidades como das grandes distâncias, permitindo assim inúmeras e belas perspectivas dos diferentes agrupamentos de plantas ornamentais.

Depois de ouvir tão agradável descrição, gostaríamos de fazê-la acompanhar de uma vista fotográfica do lago já aberto, a refletir os tufos ornamentais a que se referiu o Sr. Dierberger. E só mais tarde, dentro talvez de uns dois anos, a máquina fotográfica poderá, então, dar idéias mais aproximadas dos belos jardins da Escola Nacional de Agronomia. Em todo o caso, aqui estampamos uma fotografia do lago já construído e é pena que a objetiva não tivesse apanhado os cisnes a que já aludimos linhas atrás.

NA SECÇÃO DE TERRAS DO MINISTÉRIO A AGRICULTURA

Fomos ainda à Secção de Terras, do Ministério da Agricultura, afim de conversar sobre a Imperial Fazenda de Santa Cruz.

Assim que o Dr. Fernandes Leite se lembrou da promessa que nos havia feito, de mais detalhes sobre a imensa região, tirou de uma gaveta uns processos e, espalhando a mão sobre um deles, como a demonstrar a posse de coisa preciosíssima, nos declarou :

— Aqui o senhor encontrará o histórico da Fazenda, a partir de 1557...

Olhámos desalentados para aquelas folhas de papel encardidas pelo tempo. Seria mau gosto e mesmo desatenção revelar desinteresse pelos callamaços.

E metermos mãos à obra, folheando-a à procura de um ponto digno de transcrição para uma simples reportagem, sem foros de monografia ou "tombo". No fim de certo tempo, os nomes das figuras veneráveis de Cristovão Monteiro, Manuel Veloso de Espinha, Manuel Corrêa, Antônio de Alvarenga, Francisco de Alvarenga e outros, já estavam nos enrodilhando num cipoal tremendo de transferências e barganhas de sesmarias...

Barganha, sim senhor. Nomezinho que é um primor de elegância...

Mas, vamos agora a uma página inteira do tal "tombo".

"Pero Ferraz, loco-tenente do capitão desta capitania de São Vicente pelo Sr. Martim Affonso de Sousa, capitão e governador dela, por el-rei nosso senhor, e do seu conselho, etc. Faço saber a todos os juizes e justiças e oficiais desta Capitania, que esta minha carta de data de terras de sesmarias de hoje para todo sempre virem, e o conhecimento pertencer, em como Christovão Monteiro, morador desta capitania, me foi feita uma petição, dizendo em ela que elê ha trinta anos povôa e mora nela, e nela casado com mulher, e filhos, e netos, e tem muito favorecido e ajudado a sustentar a terra, assim em tempo de guerra, como de paz" etc. etc.

Não podemos estranhar muito o estilo do *loco-tenente* Pero Ferraz. As escrituras passadas ainda hoje nos tabeliães da rua do Rosário são bem parecidas com esta que aquí transcrevemos.

Mas não valia a pena rebuscar a papelada, que restituimos sem demora ao Dr. Fernandes Leite, intérprete autorizado de documentos dessa natureza.

Deixando o histórico da Fazenda Nacional de Santa Cruz, tocámos nas providências judiciais necessárias à posse das terras da Fazenda do Retiro por parte da União.

E, num instante, o Dr. Fernandes Leite explicou o feito.

— Dna. Gabriela da Gama Larue, inventariante e única herdeira de seu marido George Larue, fez cessão de seus direitos hereditários a Cassiano Caxias dos Santos e a Benedito Gonçalves Serra, pela importância de 150:000\$0, tendo sido adjudicados os bens da herança àqueles cessionários, entre os quais existiam terras do domínio direto da União Federal.

Como esta não tivesse tido conhecimento da referida cessão, que se fez sem a observância do disposto no art. 683 do Código Civil, depositou a mencionada importância de 150:000\$0 e, baseada nesse mesmo artigo, acionou, no Juízo da 1.^a Vara da Fazenda Pública do Estado do Rio de Janeiro, os referidos cessionários para deles haver, pelo preço por que adquiriram, os imóveis do domínio direto da mesma União.

Tendo o Juiz se julgado incompetente, foram os autos remetidos ao Juízo da 1.^a Vara da Fazenda Pública do Distrito Federal, havendo o Juiz então em exercício — Dr. Edmundo Ludolf — julgado procedente a ação.

Os réus apelaram para o Supremo Tribunal Federal, mas como a apelação fôsse recebida no só efeito devolutivo, poudes a União Federal imitir-se na posse dos referidos bens, diligência essa determinada pelo então Juiz da 2.^a Vara da Fazenda Pública do Estado do Rio de Janeiro — Dr. Portela Santos — em cumprimento da carta precatória expedida para aquele fim pelo então Juiz da 1.^a Vara da Fazenda Pública desta Capital, Dr. José Tomaz da Cunha Vasconcelos Filho.

OBRAS DE SANEAMENTO

No dia da visita às construções do Quilômetro 47 da Estrada Rio-São Paulo vimos uma draga do Departamento Nacional de Obras de Saneamento no serviço de limpeza de um córrego. Falámos ao jovem engenheiro Ivan Mariz, que teve a seu cargo a fiscalização dos serviços de dragas na Baixada de Sepetiba.

Sua tarefa é dura. No verão, às 4 horas da manhã, já está ele a desbravar as terras alagadiças daquela região. O chefe de turma de engenheiros é o Dr. Luiz Lima da Veiga, que distribue os serviços por dez engenheiros, todos esforçados auxiliares do Diretor Hildebrando de Góes.

Embora não tenham terminado os trabalhos de saneamento, modificou-se inteiramente o aspecto da região. Os proprietários da fazenda Mazomba começaram a dividir as suas terras em lotes para a imediata colonização e o Ministério da Agricultura escolheu a grande área exaguada pelas valas Piloto e dos Bois, para localizar a escola Superior de Agronomia, cujos principais pavilhões já se erguem nas proximidades da Rio-São Paulo.

A vala Piloto, hoje canal do Piloto, aberta em toda a extensão, o canal do Pinto, o canal de Piranema, canal da Horticultura e toda a drenagem secundária, estão transformando essas terras permanentemente alagadas em ricas pastagens.

O rio Itaguaí foi regularizado no trecho da valinha ao Piloto, o que fez desaparecer o Largo do Pântano com o abaixamento de 2,5 m. do lençol d'água existente anteriormente.

O quadro desolador das águas correndo em roldão por sobre êsses campos durante a estação chuvosa, inundando tudo, formando lagoas e aumentando os pântanos, desapareceu com a limpeza

dos cursos obstruídos e com a dragagem de novas caixas, em plena execução.

A parte da montante do rio Itaguaí, desviada diretamente para o mar, por intermédio do curso do Arapuçáia, aliviará a descarga do trecho de jusante do curso principal e impedirá que as águas, deslisando pela encosta das montanhas abrutadas, não encontrando escoadouro fácil, formem extensos alagados no sopé da serra.

Poderíamos publicar os dados referentes aos serviços executados pelo Departamento Nacional de Obras de Saneamento. Si o fizéssemos, esta reportagem ficaria com a apresentação de relatório.

Como observámos no Quilômetro 47, a terra está agora de tal forma enxuta que foi necessário instalar-se ali uma rede imensa de irrigação.

* * *

Com esta reportagem, procurámos divulgar, embora modestamente, um dos maiores empreendimentos do Governo do Presidente Vargas : a construção da nova sede da Escola Nacional de Agronomia e de outras secções do Centro Nacional de Ensino e Pesquisas Agronômicas, do Ministério da Agricultura, empreendimento que marcará, sem dúvida, na história administrativa do país, o início de uma nova e brilhante fase de nossas atividades agronômicas, com magníficos resultados para a economia nacional.

◀ ZELE PELA CONSERVAÇÃO E ECONOMIA DO MATERIAL DE SEU USO : MATERIAL DO GOVERNO É DINHEIRO DE TODOS NÓS ▶